



TÍTULO: Turismo Agridoce - Vivências de Visão e Divisão
AUTOR: José Manuel Figueiredo Santos
EDITORA: Edições Colibri
ANO: 2007
ISBN: 978-972-772-749-0

Turismo Agridoce é uma obra onde dificilmente se poderá traçar uma linha estanque entre realidade e ficção. Segundo o autor: “Talvez pela simples razão de que, na experiência humana, elas sejam indivisíveis”. O enredo é, por isso, construído sobre esta indeclinável porosidade, verificando-se um aproveitamento do registo ficcional para através dele dar conta de um conjunto de questões reais, para as comentar e problematizar de uma forma que sublinha a referida permeabilidade das experiências humanas.

Ao longo da narração, o protagonista/narrador e a sua família passam por um conjunto de viagens e de contactos com outros turistas que propiciam a representação do fenómeno turístico a partir de um leque de perspectivas distintas. Com efeito, as viagens narradas tendem a proporcionar uma visão múltipla e complexa de uma mesma realidade: a do Turismo transformado em indústria, onde a experiência humana deixa de ser entendida como única e individual (como “uma experiência do conhecimento e da emoção romântica”), para se transformar num produto normalizado e, por isso, limitado e limitador, que anuncia a “morte das emoções”. O romance retrata, pois, uma concepção do Turismo feito artefacto, assente na venda das “culturas de países inteiros empacotadas em papel celofane”, em nome da necessidade de facturar das populações visitadas e da procura (excessiva) dos visitantes ansiosos por levar consigo algo (tangível ou não) que lhes seja apresentado como autêntico. Trata-se, portanto, da problematização de uma noção de Turismo em tudo oposta à espontaneidade e à autenticidade que caracterizou esta actividade nos seus primórdios.

A obra tem início com uma viagem de uma família de Lisboa para o Algarve. Neste primeiro momento, a família representa a figura comum do turista nacional que se desloca até ao Algarve, onde aproveita a hospitalidade de uma qualquer “tia Anica”. Porém, para o protagonista de Turismo Agridoce esta não é apenas uma deslocação ao lugar do “sol e praia” por excelência, mas também, senão essencialmente, uma viagem de regresso ao seu passado e às suas raízes. Um momento de reflexão que serve de mote ao próprio desenvolvimento da personagem que funciona no texto como uma espécie de repositório das memórias de um Algarve já quase inexistente e, de um ponto de vista mais dilatado, da autenticidade perdida da experiência turística.

A viagem da família ao Brasil que ocupa grande parte da obra e constitui, dentro da narração, um espaço onde se fazem reflectir as semelhanças dos fenómenos turísticos português e brasileiro e a partir do qual é possível extrapolar para a generalidade dos destinos turísticos da actualidade. O protagonista que, desde as primeiras linhas, critica o turismo de massas, o marketing a ele associado, os “roteiros pré-fabricados” e impostos aos turistas, a manipulação dos percursos e experiências feita através dos guias turísticos, não consegue escapar a este fenómeno e é, ele próprio, levado a fazer uma viagem onde os lugares-comuns se multiplicam a cada passo. De facto, a falta de alternativas mais personalizadas (consequência do incidir da globalização no Turismo) leva o protagonista a aderir ao turismo de massas, não se sentindo contudo confortável neste papel e fazendo reflectir o seu mal-estar e a sua inconformidade nos comentários que vai tecendo ao longo de toda a obra.

Assumindo claramente o papel do turista Romântico, o protagonista, que não resiste ao apelo do cliché de uma visita ao Cristo Redentor ou ao Sambódromo (espaço de simulação por excelência), procura, apesar disso, o que entende ser a autenticidade. Fá-lo quando se desloca a uma gafeira ou quando vai assistir a uma luta de galos. Todavia, não é nos espaços nem nos eventos que encontra a autenticidade ou a “verdade” que procura, mas sim naqueles que povoam esses ambientes. Com efeito, as pessoas parecem constituir aqui o último reduto da genuinidade, da imprevisibilidade e da individualidade procuradas por um olhar de tipo *sharpenner* que é típico de um Romântico e em tudo oposto ao olhar de tipo *leveler* que predomina na era da globalização. O olhar do Romântico é um olhar que recusa o padrão, o normalizado e que busca incessantemente a fuga à norma, a imperfeição e a irregularidade do autêntico que inevitavelmente caracterizam o ser humano e que o texto enaltece.

Sílvia Quinteiro
(Prof. Adjunta da ESGHT)